

RESENHA

TEIXEIRA, Adla B. M.; DUMONT, Adilson (orgs.). *Discutindo relações de gênero na escola*; reflexões e propostas para a ação docente. Araraquara/Belo Horizonte: Junqueira & Marin/GSS/FUNDEP, 2009. 191p.

Debatendo gênero e sexualidades no cotidiano da escola

Em nosso país vimos acompanhando, ao menos nos últimos 20 anos, um crescimento considerável da pesquisa a respeito das relações de gênero e sexualidades. Proveniente dos mais diversos campos das Humanidades, tal produção vem colaborando para denunciar fenômenos de desigualdade e para fornecer instrumentos mais acurados de interpretação das realidades sociais. Na área da Educação não tem sido diferente, e é com alegria que vislumbramos uma presença ainda não muito grande, mas precisa e contundente, dos estudos sobre os temas citados. Não obstante toda essa produção, pode-se dizer que é pequena a incorporação do debate no cotidiano escolar e nos currículos de formação de docentes, principais responsáveis por coordenar a reflexão sobre diferenças e desigualdades na escola. Desta forma, o presente livro colabora para suprir uma lacuna nessa produção - até então muito mais analítica do que propositiva -, ao sugerir propostas de intervenção sobre as dinâmicas de gênero e sexualidades que se produzem e reproduzem dentro das escolas.

Iniciativa de um dos vários grupos de pesquisa centrados nesses assuntos - o Grupo de Estudos sobre Gênero, Sexualidade e Sexo da Faculdade de Educação da UFMG -, o livro traz 9 capítulos dirigidos a problematizar o gênero e as sexualidades não apenas por meio da discussão teórica, mas pela proposição de oficinas a serem desenvolvidas no ambiente escolar. Segundo a proposta de cada autor/a, tais oficinas podem ser trabalhadas com docentes da escola; com seus alunos e alunas; e/ou com futuros membros do professorado, em seus cursos de formação.

Assim, o texto que introduz a coletânea, de Maria Eulina P. de Carvalho, intitulado “Inclusão da perspectiva de gênero na educação e na formação docente”, apresenta uma série de conceitos básicos para inserir leitores e leitoras nos temas que serão abordados no restante do livro, concluindo com uma sugestão de oficina bastante simples, que serve para problematizar a existência de diferenças entre mulheres e homens e propor estratégias de intervenção pedagógica a respeito das mesmas.

O texto de Adilson Dumont (“Outros olhares sobre a corporeidade”) objetiva entender o corpo como componente da identidade das pessoas; neste sentido, seu pequeno texto é proposto como atividade preliminar à oficina realizada com jovens, centrada em diferentes abordagens do corpo e da sexualidade.

O terceiro e o quarto textos abordam a violência escolar, mas enquanto a produção de Anderson Ferrari (“Loba é uma brincadeira muito perigosa, muita violenta e bruta...”) examina a violência que ajuda a produzir um modelo de masculinidade, Fernando César B. de Andrade (em “Ou ele ou eu: violência e relações de gênero na escola”) volta-se para a homofobia. Assim sendo, no primeiro caso há uma análise de “brincadeira” realizada numa escola pública de Ensino Fundamental, seguida de oficina voltada a séries finais do Ensino Fundamental e do Médio. Muitos temas podem ser problematizados a partir da atividade, mas em todas as possibilidades o que está em questão é a luta na esfera cultural,

estimulando os estudantes a perceber como ocorre a atribuição de significados às coisas. No segundo caso, a partir de uma situação concreta ocorrida também em escola pública, discutem-se os estereótipos e preconceitos - chegando à violência - contra homossexuais, tentando sensibilizar educadoras e educadores sobre o problema.

Também sobre homofobia é o texto “Orientação sexual: homossexualidade e escola”, de Jaider F. Reis, centrado na análise da homossexualidade nos PCN’s. O autor destaca a insuficiência com a qual o documento oficial trata o tema, sem sugerir nenhuma abordagem concreta de trabalho, ou seja, sem “fazer uso do termo homossexualidade relacionado diretamente a um exemplo” (p. 106). Por isso, a oficina proposta para ser realizada com jovens usa como motivação a discussão de uma notícia sobre crime homofóbico e a assistência e debate de filme que aborde a homossexualidade.

Os quatro textos seguintes retornam ao gênero, examinado desde perspectivas diferenciadas. Janaína R. Araújo retoma a formação de docentes, mas agora focada no trecho inicial da escolarização. Em “Relações de gênero na educação infantil; questionamentos acerca da reduzida presença de homens na docência”, a autora discute representações possíveis da figura masculina que cuida de crianças e defende a necessidade de um espaço para o debate sobre gênero nos cursos de formação. A consequência disso é a formulação de uma oficina para alunos/as de Pedagogia ou outras licenciaturas e para alunas/os de Ensino Fundamental e Médio, visando a uma prática escolar não-sexista.

Registro diferente dos demais textos tem o trabalho apresentado por Cíntia C. M. Schwantes, “O *Bildungsroman* e a formação do hábito da leitura”, pois está situado na seleção de obras de literatura apropriadas aos interesses culturais dos estudantes da atualidade e na discussão das mesmas, buscando as particularidades de gênero, raça/etnia e classe, as três principais

categorias de análise das diferenças e desigualdades sociais. Como o texto está voltado ao *Bildungsroman* (romance de formação), a oficina tem por finalidade “fazer com que os alunos percebam que a narração de um evento formador [...] é algo que também acontece ou aconteceu na vida deles” (p. 145).

Em “Apropriação de inovações tecnológicas no trabalho docente”, Adla B. M. Teixeira e Clarindo I. P. da S. e Pádua primeiramente relatam pesquisa realizada com docentes de escola públicas da Rede Municipal de Belo Horizonte, voltada a “investigar o processo de apropriação dos recursos computacionais pelos/as docentes, bem como as circunstâncias que os levariam a diferentes formas de incorporá-los” (p. 149). O que desenvolvem a seguir tem a ver com os estudos que procuram discutir os nichos masculinos e femininos na ciência e no trabalho acadêmico em geral, e é com essa perspectiva que lançam sua proposta de oficina. Não existe definição sobre qual o nível de ensino onde pode ser aplicada a oficina, mas pelo conteúdo imagina-se que seja voltada a estudantes de Ensino Médio ou universitários/as.

Por fim, o trabalho “A mulher na volta à escola: a questão de gênero na sala de aula de EJA”, de Carmen L. Eiterer e Isamara Coura, tem por objeto dar voz a essas que correspondem a um grupo com um grande grau de desigualdade social: as mulheres que retornam ou ingressam pela primeira vez no bancos escolares. As autoras acreditam que o conhecimento do valor que as referidas mulheres atribuem à escola e dos motivos que as conduziram a ela retornar pode fornecer um melhor embasamento aos educadores e educadoras que com elas trabalham. A oficina permite que os homens e as mulheres estudantes reflitam sobre a condição da mulher.

Após a leitura da obra, pode-se dizer que a mesma contribui não apenas com as lutas pela equidade de gênero, mas para sensibilizar docentes e demais componentes da comunidade escolar a respeito de temas caros a muitas pessoas e grupos sociais,

que vêem suas identidades serem ridicularizadas, sofrendo com o preconceito e a discriminação no contexto da escola. É um material polêmico e corajoso, um recurso crítico extremamente útil, tendo em vista a insuficiência de propostas concretas de ação e reflexão.

Márcia Ondina Vieira Ferreira
FaE/UFPel

Recebido em novembro de 2010

Aceito em dezembro de 2010